



BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

IN MEMORIAM
Elogio fúnebre a Walter Medeiros

2012.03.31

Carlos Ascenso André

A morte tem muitas caras. Tantas quantos os morituros. A Walter de Medeiros, que estas palavras escreveu, poderíamos, agora, contrapor: tem muitas caras, a morte, mas um só som – o som do silêncio. Porque são um apelo ao silêncio os nossos passos pesados e calados quando no cortejo do derradeiro adeus os vamos desfiando. Porque são um apelo ao silêncio as batidas lentas do bronze que da velha torre ecoam cidade abaixo e cidade adentro, se a hora é de partida sem retorno. Porque de silêncio trajam os nossos rostos, velados de tristeza e de uma estranha melancolia, quando definitiva é a partida e sem remissão.

A hora é de silêncio, sim. Silêncio absurdo, dir-se-ia, ao arrepio de uma Primavera que parece despontar com força inusitada. Silêncio entristecido, também, por ser tempo de despedida a contragosto. Silêncio doloroso, sobretudo, por partir com quem parte uma parte de quem fica. Silêncio denso, porque tecido de palavras indizíveis; silêncio sentido, porque semeado de emoções e de afetos; silêncio mal contido, por ter raízes numa imensa ovação a quem parte; silêncio, afinal, silencioso, por respeito a quem parece ter dito já todas as palavras.

A morte tem muitas caras, afirmou, um dia, Walter de Medeiros. Uma cara apenas teve, em toda a vida, aquele que a morte assim definiu.

Walter de Medeiros foi um homem de um só rosto. O rosto de quem busca, numa luta incessante e teimosa, a raiz da beleza que só na palavra pode encontrar-se. O rosto de quem persegue, em cada minuto, em cada hora, em cada dia, a semente da palavra por descobrir. O rosto de quem faz da palavra a sua luta, a sua porfia, o seu rumo e o seu norte, a sua estrela e a sua noite, a sua luz e o seu breu. Porque Walter de Medeiros fez da palavra o seu estandarte; ou antes, da busca da beleza que na palavra se resguarda.

Ilhéu por nascimento, nessa condição havia de firmar, um por um, os traços do seu retrato, posto que à sua Ilha raramente regressasse. Regressou, sim, faz poucos anos; confidenciou-me, em sentido bilhete, que para dela se despedir, convicto como estava de que uma só viagem teria, ainda, de realizar, esta em que, agora, o acompanhamos.

Nasceu nas ilhas, pois, e delas havia de trazer, agarrado à pele, aquele pendor introspetivo e ensimesmado que dizem ser filho de brumas e ventos com sabor a maresia e perfume de marés por descobrir.

Rumou a Coimbra, fascinado, já então, pela palavra, nas suas raízes mais genuínas, aquelas onde fermentou nas obras primas do pensamento humano e que a viram plasmar-se em artefatos de rara beleza, na Grécia e em Roma. Coursou, pois, Filologia Clássica, formação que concluiu em Lisboa, por essa altura atraído, ao que parece, pelo Renascimento português, a fazer fé na tese de licenciatura que dedicou a Aires Barbosa (um Humanista que era, ao mesmo tempo, poeta latino e professor de grego). Por Lisboa se quedou escassos anos, que, pouco depois, estava, de novo, em Coimbra, já então afadigado no estudo da mordacidade clássica, envinagrada e corrosiva, tal como a encontrava nos iambos de Hipónax de Éfeso, objeto da sua dissertação de doutoramento, em 1961, e do seu concurso para Professor Extraordinário, em 1969, dois anos antes de ter ascendido a Professor Catedrático, em 1971. A esse poeta grego dedicou vários anos da sua vida, em aturadas indagações e vigilantes pesquisas, em Portugal e em Itália, neste caso sob direção dos mais distintos classicistas italianos. Itália viria a ser, afinal, a sua segunda pátria ou, se se preferir, a sua pátria de eleição, aonde regressava amiúde, com um misto de fascínio e de mal disfarçado afeto.

Pareceria estranho a muitos que aquela figura esguia e introspetiva escondesse um voraz apetite pela sátira, pelo burlesco, pelo azedume, pela caricatura, pela vergastada inclemente de iambógrafos e fazedores de comédias. Foi isso mesmo, todavia, que aconteceu.

Mas não por acaso, importa reconhecê-lo. Porque o Doutor Walter de Medeiros era, acima de tudo, um incansável indagador da alma humana, um persistente esquadrinhador de angústias e desacertos, um compulsivo espetador de emoções contraditórias, um nunca desistente garimpeiro dos segredos que cada ser humano resguarda no mais fundo de si, apenas por isso – por ser humano.

Não surpreende, pois, que do iambógrafo de Éfeso tenha transitado para a comédia latina, onde largos anos se deteve a pensar (e a ensinar, acima de tudo) o modo como Terêncio e Plauto traçaram, com crueza implacável, o retrato da condição humana e da gente do seu tempo, em quadros que, como todos os que são pintados por génios, cedo ganharam uma dimensão intemporal.

Porque era, valha a verdade, a condição humana que o fascinava, em todas as suas contradições, em todas as suas fantasias, em todas as suas agruras (nas agruras, antes de mais, convém dizê-lo), em todos os seus conflitos internos ou com os outros: o amor e a vergonha, a morte e o ódio, a simulação e o medo, as máscaras, as transparências, a inconsistência, a vida, a incerteza, a pequenez, a grandeza, tudo aquilo que pode caber – e tanto cabe – na máxima terenciana que se não cansava de repetir – “sou homem; e nada do que é humano reputo alheio à minha condição”.

Foi assim que estudou a comédia e, nela, a subversão plautina que leva ao triunfo do escravo, a educação dos jovens, a infidelidade, as desventuras de amores desencontrados, as personagens que, na comédia antiga, dão corpo e voz aos vícios, mas também às virtudes, às misérias, mas também às grandezas desses velhos tempos de Roma (ou da Grécia), como dos novos tempos em que a tais comédias nos fazia retornar.

Estudou e ensinou o riso, sim; e ensinou-nos a descobrir como, de cada vez que um fazedor de comédias nos faz rir, faz-nos rir, afinal, de nós próprios. E que tarde demais é quando nos damos conta de que a nossa gargalhada se solta diante de um espelho e é sobre nós que recai.

Talvez por isso, pouco do que nos deu a literatura latina lhe passou ao lado. Marcial (“o poeta que buscava um amor”), Propércio, Horácio. Sempre a mordacidade. Sempre a insatisfação. Sempre as contradições. No amor, desde logo.

Sempre, enfim, o apego à palavra. E foi esse apego à palavra que fez dele um tradutor exímio. O tradutor que nos legou obras ímpares no apego ao modelo original e no apego ao tempo que, por via dele, as recebia.

Porque era, insisto, a condição humana que o fascinava. Ontem, como hoje. Porque, para o Doutor Walter de Medeiros, a fronteira do tempo é, antes de mais, um correio que leva e traz a mensagem do que somos e nunca a parede opaca que de nós próprios nos separa e nos esconde. E foi nessa matriz e nesse paradigma que estudou e ensinou Virgílio, aquele que considerava o maior de todos os poetas. Aquele de quem dizia ser o poeta de tradução impossível. Aquele de quem escreveu que morreu profundamente infeliz, mas de quem escreveu, também, que o sangue e as lágrimas do infeliz hão-de florir em sóis.

Perscrutou, sempre, o mais íntimo de cada poeta, de cada comediógrafo, de cada autor latino. Dele falam bem os seus títulos: “Em

demanda de uma rosa”; “A lua negra do poeta”; “A outra face de Eneias”; “Memória de um homem só”; “O poeta que buscava um amor”. Cinco nos bastam, de entre muitos, para lhe adivinhar a tendência intimista e, não raro, pessimista.

Sem hesitação se dirá ter sido, porventura, o melhor de todos os especialistas de literatura latina no século XX português. O único capaz de ombrear, no conhecimento da literatura de Roma, com os mais distintos nomes de universidades estrangeiras.

Sempre metuculoso, sempre a cerzir as suas ideias num bordado de filigrana, sempre em busca da melhor palavra para o melhor conceito, para a melhor conclusão. A ele se podia aplicar o que Eugénio de Andrade dizia do ofício de poeta (que Walter de Medeiros, sem o ser, sempre foi):

*Toda a manhã procurei uma sílaba.
É pouca coisa, é certo: uma vogal,
uma consoante, quase nada.
Mas faz-me falta. Só eu sei
a falta que me faz.
Por isso a procurava com obstinação.
Só ela me podia defender
do frio de janeiro, da estiagem
do verão. Uma sílaba.
Uma única sílaba.
A salvação.*

Quantas vezes deambulava o Doutor Walter de Medeiros, dias a fio, enredado na busca obstinada da palavra que lhe faltava, da sílaba por descobrir. Com obstinação. Sem desfalecimento. Porque era um perfeccionista. Dele nos fica, quase como um emblema inapagável e inconfundível, aquela caligrafia minúscula, de letra redonda e firme, desenhada nos mais ínfimos detalhes. Espelho de perfeição. Por ser também esse um traço da sua personalidade.

De Walter de Medeiros, quando se pergunta quem foi, responde-se que “foi professor”. Porque foi isso, acima de tudo, que sempre quis ser. Um professor como poucos. Sereno, discreto, tímido, quase envergonhado. Um professor que queria mais do que ensinar. Um professor que queria, a medo, partilhar com os alunos as suas reflexões, as suas

dúvidas, as suas indagações, as suas descobertas. Um professor que jamais impunha, mas em quem cegamente se acreditava. Um professor que não liderava, mas que era seguido sem rejeição nem hesitação. Um professor que parecia pedir desculpa por estar ali, mas cujas palavras eram sorvidas por quem o escutava. Ninguém saberá dizer se Walter de Medeiros alguma vez estudou pedagogia. Mas não há quem não diga que Walter de Medeiros era um pedagogo de primeira água. Dos que pedem meças aos melhores.

Serviu esta Universidade de Coimbra e a sua Faculdade de Letras, que eram a sua casa, fazendo o que melhor sabia fazer: ensinar, investigar. Fugiu de cargos e honrarias como quem exorcizava fantasmas. Mas foi diligente e eficiente responsável pelas publicações do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, como foi Secretário da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos. E foi Presidente do Conselho Pedagógico, bem a contragosto. Ainda hoje recordo o seu esgar de surpresa, para não dizer de contrariedade, quando o segredo dos votos, nesse Conselho, ditou o seu nome para a Presidência.

E era, acima de tudo, um ser humano como há poucos. Sem o querer, aquela figura esguia, discreta, ensimesmada, condensou em si as virtudes que no seu estudo dos clássicos foi elegendo. Dir-se-ia que, no seu aprendizado da literatura e das literaturas, foi a si mesmo que se foi formando e se foi forjando. Mestre e amigo, atento e solícito, simpático e confidente, dedicado e delicado, deixou marcas fundas em quantos com ele conviveram.

É este homem, de invulgar dimensão, que acompanhamos, hoje, num adeus derradeiro.

A Universidade de Coimbra, cujo Reitor tenho a honra de aqui representar, inclina-se perante a figura, discreta que seja, de um dos seus maiores Mestres. A Universidade de Coimbra e a Faculdade de Letras, aqui reunidas à sua volta e em cujo nome pronuncio estas palavras, rendem-lhe aqui a sua homenagem sentida. A comunidade que somos une-se, em silêncio, na expressão de um sentimento de profundo pesar, que solidariamente transmite à sua família, nomeadamente a seus filhos, seus netos e sua esposa, a Dr.^a Maria Luísa Braga, companheira dos dias felizes e das horas difíceis.

É este homem de invulgar estatura, tão grande e invulgar como invulgar e grande foi sempre a sua modéstia, que acompanhamos num adeus derradeiro. Derradeiro? Talvez não. Porque a morte tem muitas

caras, dizia; para logo acrescentar que a sua, a verdadeira, é sempre igual à da vida. E é essa, a da vida, a que guardamos quando nos despedimos. Que essa, a da vida, lhe seja longa. Que a terra lhe seja leve.